

## **Percursos profissionais: Arquitetos e Urbanistas, a contribuição para a teoria e a prática no Brasil, 1920-1960**

### **Arquitetura e urbanismo na obra dos irmãos Roberto**

#### **Luiz Felipe Machado Coelho de Souza**

Arquiteto Urbanista, FAU/UFRJ; Doutor em História da Arte, Universiré Paris I – Sorbonne; Mestre (DEA) em História da Arquitetura Moderna e Contemporânea, Universiré Paris I – Sorbonne; Mestre em Arquitetura, PROARQ, FAU/UFRJ; Especialista em Materiais para Engenharia Civil e Arquitetura, EE/UFRJ. Professor, desde 1979, da USU, UFRJ, UNESA e PUC. Atualmente, Professor Adjunto da EAU/UFF. Atuante nas áreas de projeto e de construção com cerca de 160 realizações em programas diversos.

#### **Palavras chave**

Irmãos Roberto, Arquitetura e Urbanismo, Movimento Moderno



## Resumo

O estudo da obra de Marcelo (1908-1964), Milton (1914-1953) e Maurício Roberto (1921-1996) demonstra a existência de produção constante e crescente de projetos de arquitetura e de urbanismo. Ela é voltada inicialmente à arquitetura e inaugura percurso com a Associação Brasileira de Imprensa sob a sigla de MM Roberto.

Já com Maurício, a partir de 1941, MMM Roberto viveu ascensão e auge. Realizou dezenas de edificações qualificadas, coleção constante e crescente. As atenções dos irmãos arquitetos, entretanto, alteraram-se paulatinamente em direção ao planejamento urbano e regional.

Em alguns dos poucos escritos de Marcelo, como *“As necessidades urgentes da arquitetura brasileira”*, 1942, ou *“Arquitetura, urbanismo e o muro das lamentações”*, 1948, verifica-se a arquitetura destinando-se ao urbanismo e os problemas devendo ser encarados de maneira *“grande”*. Marcelo pregava a aproximação entre arquitetos, engenheiros, industriais, cientistas, professores e homens de negócio; também a abolição de estimativas a grosso modo e o pensar antes de realizar.

Para encarar os problemas de maneira *“grande”*, os Roberto organizaram equipe composta de profissionais de diversas áreas. Na equipe, havia economistas e sociólogos como o mentor do arcabouço teórico Paulo Novaes. No tocante às questões ambientais, Fernando Segadas Vianna, engenheiro agrônomo, responsabilizava-se pelo planejamento dos assuntos pertinentes. A ecologia, ciência ainda pouco difundida no Brasil dos anos 1950, era o principal assunto tratado em palestras proferidas por ele. Respeitar as características naturais das regiões e incentivar as atividades humanas objetivavam o desenvolvimento econômico das comunidades em respeito ao ecossistema. O planejamento para a região Cabo Frio – Búzios, de meados da década de 1950, já incorporava essas preocupações.

Para a realização do Plano Piloto de Brasília, terceiro colocado no concurso, os Roberto trabalharam durante cerca de quatro meses com uma equipe de quarenta profissionais.

## Abstract

The study of the work of Marcelo (1908-1964), Milton (1914-1953) and Maurício Roberto (1921-1996) shows the existence of growing and constant output of projects of architecture and of town planning. She is come back initially to the architecture and inaugurates journey with the Brazilian Association of Press under the acronym of MM Roberto.

Already with Maurício, from 1941, MMM Roberto lived ascent and boom. It carried out set of ten of buildings qualified, growing and constant collection. The attentions of the brothers architects, however, altered itself gradually in direction to the regional and urban planning.

In some of the few writing of Marcelo, as *"The urgent needs of the Brazilian architecture"*, 1942, or *"Architecture, town planning and the wall of the lamentations"*, 1948, verifies-itself the architecture destining itself to the town planning and the problems should be faced of way *"big"*. Marcelo preached the approach between architects, engineers, industrial, scientists, professors and men of business; also the abolition of estimates roughly and think him before of carry out.

For it face the problems of way *"big"*, the Roberto organized composed team of professionals of diverse areas. In the team, there were economists and sociologists as the mentor of the theoretical outline Paulo Novaes. When it comes to the environmental questions, Fernando Reaped Vianna, agronomic engineer, made responsible itself by the planning of the pertinent matters. The ecology, science still little diffused in Brazil of the years 1950, was the main treated matter in lectures uttered by him. It respect the natural characteristics of the regions and encourage the human activities planned the economic development of the communities with respect to the ecosystem. The planning for the region Cabo Frio – Búzios, of mid the decade of 1950, already incorporated those worries.

For the achievement of the master Plan of Brasilia, third put in the contest, the Roberto worked during around four months with a team of forty professionals.

## Key-words

Brothers Robert, Architecture and Urban Design, Modern Movement

## **Arquitetura e urbanismo na obra dos irmãos Roberto**

Luiz Felipe Machado Coelho de Souza

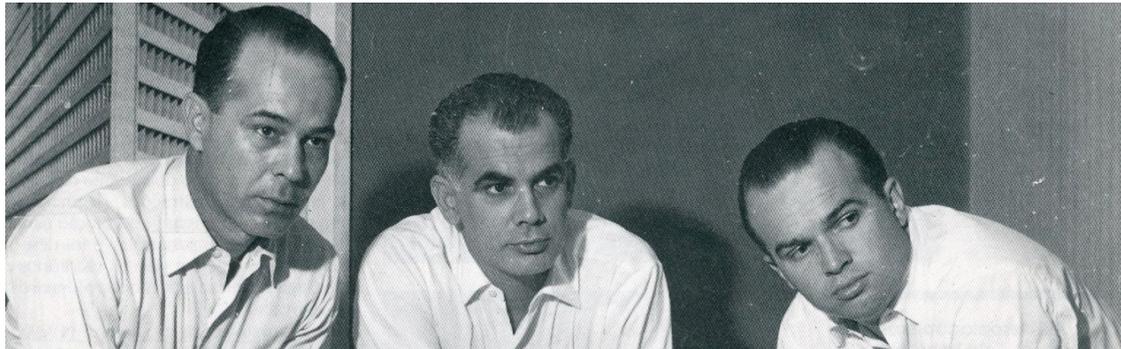


Figura 1 - Marcelo, Milton e Maurício Roberto

### **Introdução**

O estudo da trajetória profissional dos irmãos Roberto através dos períodos de suas associações permite melhores análises sobre sua produção. Entre 1935, ano da associação entre Marcelo (1908-1964) e Milton (1914-1953) e 1964, ano da morte do primogênito, o escritório viveu períodos de ascensão e auge. Maurício Roberto (1921-1996) manteve-se na direção isolada da organização denominada, a partir de 1964, M Roberto Arquitetos.

Mesmo antes da incorporação de Maurício à equipe, em 1941, quando foi criada a marca de grande reconhecimento nacional, MMM Roberto Arquitetos, o pensamento de Marcelo acerca das incumbências da profissão era claro no sentido do urbanismo. Para ele, principal articulador das idéias do escritório, a arquitetura destinava-se ao urbanismo.

Este trabalho apresenta, através de análise da produção, a relação entre a teoria e a prática dos Roberto. Apresenta mais detalhadamente três realizações do escritório: o edifício Marquês do Herval, o planejamento turístico para a região Cabo Frio – Búzios e o Plano-Piloto de Brasília. Esses três exemplos encontram-se muito próximos no tempo, em meados da década de 1950. Eles refletem, de maneira relativamente precisa a consistência da totalidade da obra desse escritório que chegou a ser considerado um dos mais bem preparados no país.

Embora a produção teórica dos Roberto não tenha sido divulgada na medida de sua importância, ainda é possível fazê-lo. Vítima de um sistema de preservação documental incipiente, relativamente às atenções de instituições que deveriam ocupar-se de tal, a memória de nosso passado recente necessita de maiores cuidados.

Avessos à teorização excessiva, os Roberto preocuparam-se antes com o fazer. Relativamente à enorme produção de edifícios e de desenhos, os textos, sendo raros, não devem ser considerados menos importantes. Para os dias atuais, refletir sobre as idéias que os levaram a realizar obra tão qualificada poderia ser útil, diante de um vazio presente e de um futuro tão promissor.

### **Os períodos do escritório**

Para analisar a produção dos irmãos Roberto, procuro dividi-la em quatro períodos, correspondentes às presenças de cada um dos irmãos no escritório : *o primeiro período*, de 1935 a 1940, corresponde à parceria formada entre Marcelo e Milton, anteriormente ao ingresso formal de Maurício; *o segundo período*, de 1941 a 1953, à associação entre os três irmãos; *o terceiro período*, de 1954 a 1964, à parceria formada por Marcelo e Maurício, após a morte de Milton; *o quarto período*, de 1965 a 1996, à administração de Maurício, após a morte de Marcelo, sendo ele auxiliado logo após, a partir de 1970, por seu filho Márcio Roberto.

A análise da produção dos Roberto tem por base dados constantes de levantamento realizado a partir de informações disponíveis no currículo do escritório e na literatura especializada. Uma primeira análise considera os programas, em números de ocorrências, sem considerar nem os valores relativos aos volumes projetados e nem tampouco às importâncias das obras. Os dados constantes desse levantamento incluem os projetos executados ou não. Projetos não executados são mais ocorrentes no *quarto período*.

### **Primeiro período, 1935-1940, Marcelo e Milton Roberto**

Este período, com seis anos de duração, inicia-se com a vitória no concurso da Associação Brasileira de Imprensa, ABI. Ele contém um número pequeno de realizações, seis. Nele, a totalidade das encomendas teve aporte financeiro do poder público e os edifícios administrativos representam a metade das encomendas registradas. No mesmo período, a maior parte dos projetos refere-se à área de

edificações, tendo sido anotado somente um trabalho na área de urbanismo, o plano urbanístico para Niterói.

Neste período, considero pertencentes ao grupo dos trinta exemplos de maior valor simbólico da produção dos Roberto os projetos da sede da ABI (1935) e do terminal de passageiros e hangares do aeroporto Santos Dumont (1938).

### **Segundo período, 1941-1953, Marcelo, Milton e Maurício Roberto**

Com treze anos de duração, este período é relativo à presença dos três irmãos no escritório. Ele reúne 39 ocorrências, prevalecendo encomendas da iniciativa privada sobre as do poder público, 28/11; os programas residenciais representam a maioria absoluta das encomendas registradas, vinte, e também um número significativo de programas relacionados com a área do ensino, cinco. Nota-se, ainda, um número importante de ocorrências relacionadas com os edifícios administrativos, e o aumento do leque de programas atendidos, como terminais de transporte, conjuntos habitacionais, edifícios recreativos, culturais, religiosos, industriais, hospitalares, hoteleiros e comerciais. Nele, quase a totalidade dos projetos realizados refere-se à área de edificações, tendo sido anotado somente um trabalho na área do urbanismo, o plano para a cidade proletária de Ricardo de Albuquerque, de 1951.

O *segundo período* correspondeu à maior proporção na concretização dos projetos, ajudando a criar a reputação de eficiência para a marca MMM Roberto. O alto grau de qualificação dos projetos concretizados refletiu no sucesso comercial da organização.

Durante este período, considero pertencentes ao grupo de trinta exemplos de maior valor simbólico a sede do Instituto de Resseguros do Brasil, IRB (1941), a Colônia de Férias do IRB (1943), a sede do Instituto dos Industriários (1943), as instalações industriais SOTREC/Carterpillar (1944), o edifício residencial MMM Roberto (1945), a escola de formação profissional, mecânica de automóveis, do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, SENAI (1946), o edifício residencial Júlio Barros Barreto (1947), a escola de formação profissional, carpintaria naval do SENAI (1948), o edifício Seguradoras (1949), os edifícios residenciais Guarabira (1950) e Dona Fátima e Finússia (1951), a residência Arthur Monteiro de Carvalho (1952) e o edifício Marquês do Herval (1952). O grande número de projetos considerados de maior valor simbólico, treze ocorrências, realizados neste período, transforma-o no de maior produtividade de realizações dessa natureza, ou seja, uma realização de maior valor simbólico a cada ano de existência.

### **Terceiro período, 1954-1964, Marcelo e Maurício Roberto**

Com onze anos de duração, reúne 43 ocorrências prevalecendo encomendas privadas sobre as que contaram com o aporte financeiro do poder público, 32/11, e os programas residenciais representam a maioria absoluta das encomendas registradas, com 22 ocorrências. Nota-se a presença de um número significativo de programas relacionados com as áreas cultural, recreativa e turística. Neste período, verifica-se o aumento do número de contratos relacionados com planejamentos urbanísticos e turísticos, sendo registradas ao todo seis ocorrências dessa natureza, o que representa um sensível crescimento relativamente aos períodos anteriores. Embora represente a época de maior atividade profissional do escritório, com cerca de quatro ocorrências anuais, o *terceiro período* observa o declínio de consequência dos projetos, permitindo supor o início de dificuldades financeiras. O aumento do número de contratos relacionados com o urbanismo deve-se, no meu ponto de vista, tanto à evolução anunciada por Marcelo (a arquitetura destinando-se ao urbanismo), quanto à necessidade de abertura de novas frentes de trabalho. A análise do *quarto período* reforça essa tese. Nele, observa-se o aumento ainda mais importante do número de ocorrências relacionadas com o urbanismo e o aumento sensível da não concretização dos projetos elaborados.

Durante o *terceiro período*, considero como pertencentes ao grupo dos trinta exemplos de *maior valor simbólico* o projeto do pavilhão Lowndes (1954), o planejamento turístico para a região Cabo Frio-Búzios (1955), o Plano Piloto de Brasília (1956), o projeto da escola de formação profissional, mecânica de automóveis, SENAI (1956), o plano de expansão marítima da cidade de Tunis, Tunísia (1957), os projetos da sede da Companhia Souza Cruz (1958) e do complexo residencial Alberghiero-Arenzano, em Riviera del Poente, Itália (1962). A redução do número de realizações consideradas como de *maior valor simbólico*, somente sete ocorrências, reforça a tese do aumento das dificuldades profissionais do escritório, ao mesmo tempo em que valoriza a contribuição de Milton na concretização das idéias. A afinidade de Milton com a prancheta e com a construção permite supor, à luz dos dados decadentes do período posterior à sua morte, efeitos danosos para a produção do escritório acarretados por sua ausência.

#### **Quarto período, 1965-1996, Maurício Roberto**

O período de 1965 a 1996, com 32 anos de duração, é relativo à administração de Maurício Roberto. O período reúne 93 ocorrências prevalecendo ainda as encomendas privadas sobre as que contaram com o aporte financeiro do poder público, 62/31, e os programas urbanísticos e turísticos representam maioria das encomendas registradas, com 25 e 12 ocorrências respectivamente. Nota-se também a presença de um número significativo de programas relacionados com os edifícios administrativos, sendo registradas dezessete ocorrências dessa natureza. O *quarto período* registra o aumento significativo de contratos externos ao município do Rio de Janeiro, passando de cerca de 31% registradas na média dos períodos anteriores para o índice de 57%. Tais dados parecem confirmar a tendência de busca de novos horizontes profissionais sugerida anteriormente, como forma de garantir ao escritório os meios de sobrevivência financeira. O alto grau de participação do poder público nos contratos firmados pelo escritório neste período (33%) foi sustentado pelo também alto grau de participação dos poderes municipais e estaduais (57%), confirmando a busca do escritório pela diversificação de clientes. A diminuição da taxa de concretização dos projetos do escritório indica o aumento de dificuldade da atuação profissional na cidade, decorrência da transferência da capital para Brasília, e no país, decorrência das já referidas sucessivas crises econômicas desde meados da década de 1970.

Durante o período de 1965 a 1996, considero como exemplos de maior valor simbólico os projetos dos Centros Administrativos e de Processamento de Dados do Banco do Brasil para o Rio de Janeiro (1969), para Porto Alegre (1969) e para São Paulo (1970), do concurso para o Centro Georges Pompidou, Paris, França (1971), da sede da Academia Brasileira de Letras (1972), o plano urbanístico para a região de Alagados, Salvador (1973), o plano habitacional integrado de Caji, Salvador (1977), e o projeto da sede da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro (1981). O número de projetos considerados de *maior valor simbólico*, oito ocorrências, ou uma ocorrência a cada quatro anos, é reduzido comparativamente aos períodos anteriores, e muito reduzido comparativamente ao período de maior frequência, o *segundo período*, que produziu um projeto de *maior valor simbólico* a cada ano de duração.

A comparação entre o período 1935-1964 e *quarto período*, respectivamente de 30 e 32 anos de duração, torna mais evidente o declínio da produção qualitativa do escritório, fato anunciado já no *terceiro período*. No início do *quarto período*, o

escritório registrou um surto de realizações importantes, com seis ocorrências entre 1969 e 1973, ou seja, mais que uma realização por ano de duração, o que parecia indicar o sucesso profissional da equipe de Maurício nas novíssimas instalações da rua Visconde Silva. Entretanto, entre 1974 e 1996, foram registradas somente duas ocorrências de *maior valor simbólico*, ou seja, somente uma a cada mais que onze anos de duração.

### **A produção dos Roberto**

O levantamento disponível permite afirmar que, das 181 ocorrências anotadas entre 1935 e 1996, 136 contratos (75% do total) são relacionados com as edificações, enquanto 45 (25%) são relacionados com o urbanismo. Esses números não refletem, entretanto, o perfil de atividades do escritório nos três primeiros períodos estudados, quando a atividade relacionada com as edificações prevaleceu de forma muito mais importante: de um total de 88 contratos, oitenta (91%) referem-se às edificações, enquanto somente oito (9%) referem-se ao urbanismo.

Em relação à participação do poder público na produção do escritório verifica-se que, entre 1935 e 1996, sessenta ocorrências (33% do total de 181 registros) são relacionadas total ou parcialmente com a iniciativa pública enquanto 121 ocorrências (67% do total de 181 registros) são relacionadas com a iniciativa privada.

A primeira parte da análise sendo feita a partir das ocorrências registradas por programas (o volume construído não sendo considerado), reflete apenas um dos aspectos da produção. A classificação dos programas arquitetônicos e urbanísticos atendidos pelo escritório ao longo dos quatro períodos permite compreender melhor a participação na orientação do escritório por parte de cada um dos irmãos, além das demandas do mercado em cada época. As informações disponíveis atestam a realização de projetos na área de edificações totalizando cerca de 2.100.000 m<sup>2</sup>.

Dez projetos de *“planejamento físico, urbano e turístico”*, entre 1955 e 1977, somaram cerca de 215.000 ha, tocando mais de dois milhões de habitantes ou usuários. Em relação aos trabalhos dessa natureza, anotei 26 ocorrências durante o mesmo período, 1955 a 1977, e um total de 49 ocorrências de 1935 a 1996.

Na área de edificações, os 2.072.410 m<sup>2</sup> apresentados no currículo do escritório referem-se a programas de *“prédios administrativos”* (513.000 m<sup>2</sup>), de *“bancos e escritórios”* (225.000 m<sup>2</sup>), de *“centros de processamento de dados”* (204.000 m<sup>2</sup>), *“comerciais”* (105.700 m<sup>2</sup>), *“educacionais”* (95.500 m<sup>2</sup>), *“hospitalares”* (150.000 m<sup>2</sup>), *“industriais”* (20.000 m<sup>2</sup>), *“recreativos”* (168.000 m<sup>2</sup>), *“religiosos”* (40.000 m<sup>2</sup>),

“residenciais” (361.300 m<sup>2</sup>), de “terminais” de transportes (61.800 m<sup>2</sup>) e de “arquitetura de interiores” (127.810 m<sup>2</sup>).

Relativamente à área projetada, cerca de 2.100.000 m<sup>2</sup>, destaca-se a maior participação do programa de edifícios administrativos (24 das 181 ocorrências anotadas), declarados como “prédios administrativos” e “centros de processamento de dados”, com cerca de 700.000 m<sup>2</sup>, ou seja, um terço de toda a produção do escritório. Seguem na lista de maiores participações, os programas residenciais com cerca de um sexto de toda a produção e comerciais, declarados como “bancos e escritórios” e “comerciais”, com um pouco menos que um sexto da área projetada para edificações.

Ao se analisar o percentual construído da obra projetada, dados não sistematizados neste levantamento, pode-se afirmar que o maior número de realizações levadas a termo corresponde ao período anterior a 1964. Em meados da década de 1970, a política de exceção e as crises econômicas sucessivas fizeram mudar o perfil dos clientes dos arquitetos, fazendo diminuir a fatura da procura por seus serviços. O período de Maurício corresponde ao aumento de encomendas de programas administrativos públicos ligados diretamente à área financeira, e de encomendas da iniciativa pública, planos diretores e urbanísticos para sedes de municípios com algumas intervenções em regiões carentes, e da privada, planos urbanísticos e turísticos, na maior parte ações incorporadoras.

No início da década de 1950, os Roberto experimentaram a criação de um divisão de engenharia no interior do escritório, iniciativa que não se afirmou. A enorme quantidade de encomendas sucessivas tornou difícil a realização desse ideal dentro de uma estrutura profissional ainda pequena. Entretanto, resultante dessa experiência, afirmou-se o bom relacionamento dos arquitetos com seus colegas engenheiros e especialistas, e com as firmas construtoras que, certamente até fins da década de 1960, respeitavam as orientações dos arquitetos na execução da obra. Como consequência, os bons resultados refletiram na aceitação por parte da opinião pública das primeiras realizações do escritório, fato importante para convencer novos clientes da importância de serem aceitas as condições dispostas nos projetos de arquitetura.

A noção de abrangência profissional dos Roberto não se limitava às questões relacionadas com a construção civil. Fazia parte do discurso dos Roberto a afirmação de que a arquitetura se destinava ao urbanismo. Assim, verifica-se na atuação profissional dos Roberto, desde fins da década de 1930, a preocupação em

se lançarem também nos caminhos do urbanismo, criando espaços para uma organização paralela à atividade primeira, projeto de edifícios.

Embora as primeiras incursões no domínio do urbanismo datem de 1938, com o Plano de Diretrizes para a Região de Niterói, é com o planejamento turístico para a região de Cabo Frio-Búzios, de 1955, que se torna nítido o interesse de escritório por essa área específica, interesse confirmado com a participação no concurso para o plano piloto de Brasília, de 1956.

Nota-se, a partir de então, que a organização original foi se modificando gradativamente, passando a atividade profissional arquitetônica a conviver no escritório com a urbanística, exigindo a criação de maiores espaços para a atividade que lidava com desenhos de grandes dimensões, e que exigia procedimentos de pesquisa que demandava equipes numerosas. O endereço da rua do Ouvidor, ocupado entre 1951 e 1968, contando com somente cinquenta metros quadrados destinados ao desenho, já se tornara reduzido. Como valor de exemplo, nos meses de trabalho para o projeto de Brasília, a equipe transferiu-se provisoriamente para outro endereço, próximo e maior, para poder abrigar a enorme empreitada. Assim, os endereços seguintes, na rua Dona Mariana e na rua Visconde Silva, entre 1968 e 1988, os escritórios já se organizaram com a nítida separação espacial entre as duas atividades.

### **Arquitetura e engenharia**

Nota-se que as primeiras realizações do escritório foram relacionadas com a área da construção civil. Entre as primeiras iniciativas no sentido de uma nova organização e crescimento destaca-se a criação de uma Divisão de Engenharia, subordinada aos Roberto mas comandada diretamente pelo arquiteto Antônio Augusto Dias. Entretanto, tal iniciativa não se concretizou da forma pretendida. Os Roberto optaram então por estabelecer parcerias com profissionais autônomos, com firmas de engenharia e com empresas incorporadoras.

Os Roberto esforçam-se em manter o controle rígido da obra. Para tal, era necessário o convencimento de seus clientes de alterar a rotina vigente, delegar às empresas construtoras a responsabilidade pela execução da obra. Essa rotina, já explicada por Marcelo e por Milton, em 1936, ao presidente da ABI, Herbert Moses<sup>1</sup>, comportava a figura do chamados “*engenheiros fiscais*” que, não tendo “*afinidade espiritual*” com o projeto, alteravam suas características criando dificuldades para os

<sup>1</sup> Herbert Moses (1884-1972), presidente da ABI entre 1931 e 1964.

novos métodos construtivos idealizados pelos arquitetos. Nesse sentido, Marcelo e Milton argumentavam que as obras incomuns exigiam por parte de seus autores, os arquitetos, os detalhes e as especificações até suas minúcias, no sentido de se preservar a unidade indispensável para as obras consideradas como de arte. Ainda no caso da ABI, os Roberto argumentavam que somente eles seriam capazes de orientar todas as etapas da construção, coordenando os especialistas, acompanhando e aconselhando as etapas de serviço. Dessa forma, Marcelo e Milton recomendavam que o processo de construção fosse feito através de empreitadas parciais e de compras diretas de equipamentos, no sentido de que a obra fosse orientada por interesses superiores aos simples interesses dos lucros financeiros<sup>2</sup>.

A argumentação dos Roberto em relação ao processo de construção tinha dupla finalidade: garantir observância fiel aos projetos e conquistar um novo mercado de trabalho, até então amplamente dominado pelos engenheiros civis. Essa questão esteve diretamente ligada à luta dos arquitetos, seguramente desde a criação do IAB, em 1921, pelo reconhecimento da profissão.

## **Urbanismo**

Relativamente ao urbanismo, os Roberto desenvolveram-se nessa área somente a partir de meados da década de 1950, sendo o projeto de Cabo Frio-Búzios um fato marcante. Os procedimentos profissionais dessa atividade específica exigiram a adaptação do escritório no sentido de uma nova organização espacial, fato notado a partir de 1968, já no endereço da rua Dona Mariana. Espaços com características próprias, com pranchetas maiores, passaram a ser notados. Após a morte de Marcelo, em 1964, o urbanismo passou a ocupar de forma crescente as atenções, a ponto de Maurício preterir programas arquitetônicos considerados de menor envergadura.

Na literatura pesquisada e nos depoimentos colhidos, não encontrei referências diretas sobre a dedicação de Milton ao urbanismo, embora seja provável sua participação nos planejamentos anteriores ao de Cabo Frio-Búzios, visto a coerência entre seu discurso e o de Marcelo. A teoria urbanística dos Roberto foi desenvolvida basicamente por Marcelo, tendo sido apresentada por ele nas conferências “*As necessidades urgentes da arquitetura brasileira*”, Rio de Janeiro, 1942, “*Arquitetura*,

---

<sup>2</sup> Carta de Marcelo Roberto e Milton Roberto ao presidente da ABI, Herbert Moses, em 18/6/1936, Associação Brasileira de Imprensa, *Arquitetura e Urbanismo*, Rio de Janeiro, IAB, n. 5-6, set. /dez. 1940, p. 21.

*urbanismo e o muro das lamentações*”, São Paulo, 1948, e *“A interdependência entre arquitetura e urbanismo”*, Santos, 1960. Em seu discurso, Marcelo afirmava que a arquitetura destinava-se ao urbanismo, e que os problemas deveriam ser encarados de maneira *“grande”*. Nesse sentido, ele pregava a aproximação entre os arquitetos, os engenheiros, os industriais, os cientistas, os professores e os homens de negócio, a abolição das estimativas grosso-modo e o pensar antes de realizar.

A segunda metade do período de existência do escritório dos Roberto foi comandada por Maurício. De acordo com relato de Márcio Roberto, a melhor explicação para a preferência de seu pai pelas questões urbanísticas está na paixão que o fez se dedicar ao projeto Cabo Frio-Búzios. Entre os irmãos, Maurício era o mais esportista, um amante do mergulho submarino e do mar, e seu envolvimento com o projeto Cabo Frio-Búzios, por ele já freqüentar esta região, foi de caráter pessoal<sup>3</sup>. Desde então, ocorreu um envolvimento crescente do escritório com as questões urbanísticas, o aumento dos espaços físicos das instalações, o aumento numérico dos colaboradores especializados nos assuntos afins e o aumento do número de projetos relacionados com essa área específica.

As parcerias profissionais relacionadas com a atividade do urbanismo foram constituídas no escritório a partir do projeto Cabo Frio-Búzios, ainda com Marcelo no comando das ações. O pensamento de Marcelo sobre as questões urbanísticas exigiu dos Roberto assessorias de estudiosos nos assuntos tocantes principalmente ao meio ambiente e ao homem. Em 1956, ano do projeto do Plano Piloto de Brasília, Marcelo afirmava que os planos diretores regionais e urbanos deveriam assegurar populações estáveis em números compatíveis com os recursos naturais e com as atividades econômicas, deveriam proteger os mananciais, a fauna e a flora e deveriam preservar os valores regionais<sup>4</sup>. De acordo com Paulo Santos, uma idéia central teria norteado sempre as atividades profissionais dos Roberto: uma nova organização social que pudesse eliminar as falhas e as injustiças do tempo presente<sup>5</sup>.

Grande parte do arcabouço teórico dos Roberto deve-se a Paulo Novaes (1913-), economista por formação, mas verdadeiramente sociólogo. No projeto Cabo Frio – Búzios, Novaes encarregou-se da organização econômica que deveria acompanhar

3 Informação verbal – depoimento de Márcio Roberto, 18/9/2002, (registro sonoro em fita cassete).

4 ROBERTO, Marcelo, Discurso em congresso de arquitetura, 10/9/1956.

5 SANTOS, Paulo F., Marcelo Roberto – II, *Arquitetura*, Rio de Janeiro, IAB-GB/Ed Artanova Ltda., n.38, p. 8, jun. 1965

a implantação do planejamento físico, que pretendia criar sustentação ao padrão de vida almejado para as comunidades tocadas. Para os Roberto, tanto em arquitetura como em urbanismo, não havia lugar para improvisações e, nesse sentido, Novaes responsabilizava-se pelos modelos social e econômico de sustentação das propostas.

No tocante às questões ambientais, a preocupação dos Roberto direcionou-se no sentido de respeitar as características naturais das regiões e de incentivar as atividades agrícolas, pecuárias, comerciais, turísticas e industriais tendo como finalidade o desenvolvimento econômico das comunidades em respeito ao ecossistema. As intervenções, sendo necessárias para corrigir os descaminhos de um sistema de ocupação arcaico e nocivo, deveriam ter seus impactos inevitáveis minimizados, e convertidos em benefícios futuros. Fernando Segadas Vianna, engenheiro agrônomo, foi o responsável pelo planejamento desses assuntos pertinentes aos planos regionais e urbanísticos. A ecologia, ciência ainda pouco difundida no Brasil dos anos 1950, era o principal assunto tratado em palestras semanais no conduzidas por ele.

Entre os colaboradores dos planos regionais e urbanos, Vinícius Fonseca e Jorge Chmielewski ocupavam-se respectivamente pelos planejamentos econômico e financeiro de sustentação das propostas. Mesmo nos projetos mais inovadores os Roberto procuravam respeitar limites factíveis, compromisso entre realidade e utopia. Da mesma forma que nos projetos arquitetônicos havia, nos planos regionais e urbanos, o compromisso permanente com o mercado imobiliário, sendo uma parte considerável dos clientes relacionada com a iniciativa privada. Não havia, no escritório, lugar para devaneios inconseqüentes e nem para empreendimentos apoiados por verbas irresponsáveis.

### **Marquês do Herval**

O edifício Marquês do Herval é reconhecido como uma das realizações mais extraordinárias dos Roberto, demonstração de eficiência construtiva através de expressão instigante e contemporânea. Pode-se classificar, através da observação do conjunto da obra e particularmente deste exemplo, a produção dos Roberto como uma acumulação evolutiva, pelo domínio adquirido através do fazer contínuo, de técnicas e de conceitos sem que estes se cristalizassem.

Marcelo fala do edifício Marquês do Herval: o destino do arquiteto é inventar. Os parapeitos inclinados provocam uma sensação estranha à primeira vista, mas a

sensação, depois, torna-se agradável. Os brises móveis em alumínio com o desenho resultante de um gráfico de visibilidade são pura invenção. O que importa são as sensações provocadas, as verdades subjetivas. A arquitetura não é bidimensional e as fachadas não podem ser como simples composições de Mondrian. Assim, seguiram Borromini, ondulando as fachadas, pois a arquitetura é arte do tempo mais do que do espaço. O edifício move-se verticalmente atraindo o interesse do olhar. O olhar humano é sucessivo, e não simultâneo. Na relação entre tempo e espaço, o que existe são as verdades subjetivas. A arquitetura move-se e baila, e segundo Eupalinos, também canta, como o Taj Mahal, as catedrais e, a Basílica, o Palácio Ducal, o Palácio Real e o campanário da praça de São Marcos. Para melhor explicar, Marcelo cita Vitruvius e Borissavlievitch, falando dos mistérios do olhar.

No edifício Marquês do Herval, a expressão de movimento das fachadas atinge o auge na produção dos Roberto. Há nele angulações horizontais e verticais através de um sofisticado sistema de brises móveis. A rampa de acesso helicoidal descendente comprova definitivamente a tese da continuidade entre os espaços edificados e urbanos.

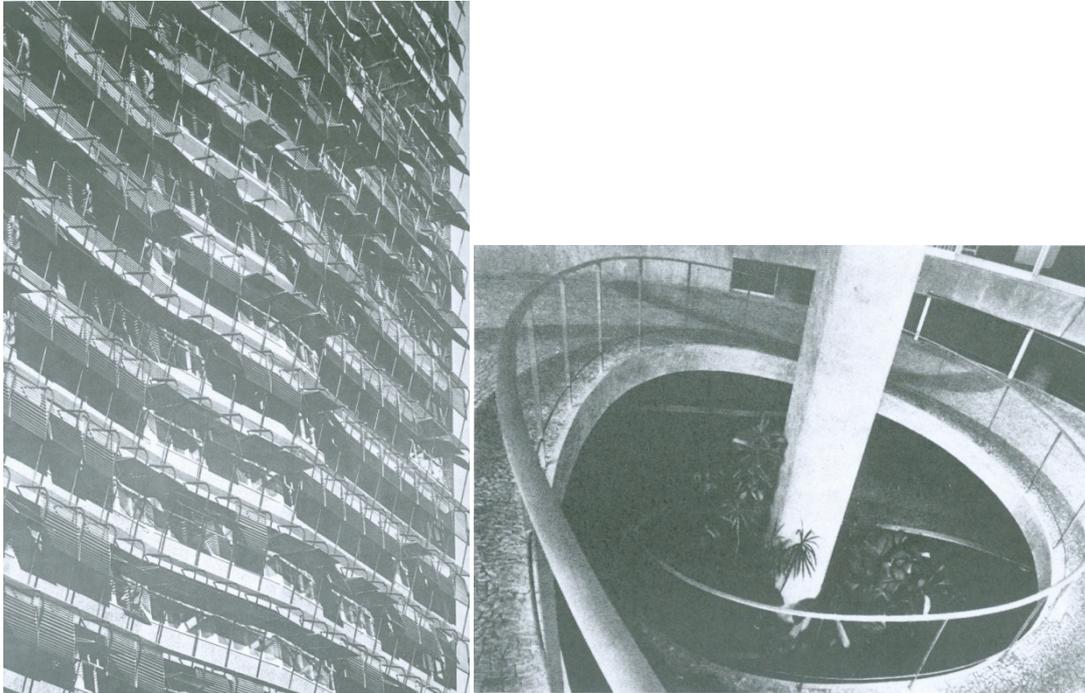
Segundo Munira Nahid, a morte de Milton, na época da conclusão do Marquês do Herval, afetou profundamente a alegria de Maurício e de Marcelo, especialmente deste, de comportamento mais recolhido, a ponto de afastá-lo por um período de três meses. Maurício, de temperamento mais extrovertido e amante do mar, parece ter encontrado em Cabo Frio, região balneária a cerca de 150 quilômetros do Rio, meios de recuperação da alegria de vida perdida<sup>6</sup>. O planejamento turístico para a região Cabo Frio – Búzios, realizado a partir de 1955, comprova a preferência de Maurício pelos estudos urbanísticos e regionais, como era a de Milton pela edificação.

As preocupações dos Roberto com as questões sociais foram manifestadas de forma mais intensa através dos discursos de Marcelo, desde 1945. Para eles, embora a produção arquitetônica brasileira estivesse recebendo elogios da crítica internacional, não chegava a satisfazer às necessidades da maioria. A arquitetura, tendo um caráter social, dependia do fortalecimento da sociedade para se concretizar em exemplos que pudessem produzir benefícios para todos. As manifestações de descontentamento com os rumos da profissão, podendo refletir uma crítica pela opção liberal brasileira sob fortes influências de grupos econômicos

---

<sup>6</sup> Informação verbal – depoimento de Munira Nahid, 15/3/2000, (registro sonoro em fita cassete).

internacionais. Surgem as primeiras críticas diretas à especulação imobiliária (1950), e de como ela produzia edifícios de qualidade ordinária e em número muito maior do que os bons exemplos arquiteturais, e também de como ela, obrigando verdadeiras cirurgias urbanas, produzia o caos nas grandes cidades.



Figuras 2 e 3 - Edifício Marquês do Herval, fachada e rampa de acesso aos elevadores

### **Cabo Frio – Búzios**

Os primeiros trabalhos dos Roberto na área do urbanismo datam de 1938 e de 1939. Foi, entretanto, ao final desta década, em 1948, em palestra “*Arquitetura, Urbanismo e o Muro das Lamentações*” que Marcelo, anunciando o início dos *Grandes Trabalhos*, apresentou de maneira mais clara as bases do pensamento que nortearia o trabalho do escritório, na área do urbanismo, a partir do início da década seguinte.

Os anunciados *Grandes Trabalhos* referem-se à iniciava dos Roberto de participarem profissionalmente de um esforço para a melhoria das condições de vida dos cidadãos brasileiros pois, o modelo das grandes cidades, heranças do século XIX, já não ofereciam as condições necessárias para tal. Para os Roberto, as tentativas anteriores (européias e norte-americanas), cujas origens se encontravam na doutrina de Charles Fourier, ou seja, equacionar o problema das grandes

aglomerações urbanas inchadas pelo desenvolvimento industrial através da criação de núcleos rurais de economia agrícola, esbarravam no problema da negação das próprias cidades. Elas, sendo produtos de cultura, não deveriam ser simplesmente negadas. Marcelo declarava-se admirador do pensamento de Frank Lloyd Wright que, nesse sentido, afirmava que todas essas tentativas anteriores não passavam de pequenos remédios para um problema ainda muito maior.

Os Roberto concordavam com Sigfried Gideon na opinião de que as cidades da época eram desumanas, devendo ser transformadas não através de paliativos *haussmanianos*, demolições, traçados de diagonais ou de avenidas largas, simples embelezamentos mas através de medidas responsáveis, tendo-se em vista o bem estar de todos e, no caso brasileiro, a realidade social preocupante.

Segundo Paulo Santos, a partir do início da década de 1950, inicia-se, no escritório dos Roberto, a seqüência dos anunciados *Grandes Trabalhos*: o plano para a cidade proletária de Ricardo de Albuquerque (1951), os planejamentos turísticos de Grumari (1955) e da região Cabo Frio – Búzios, o plano diretor da cidade de Imbituba, SC (1956), o plano piloto de Brasília, o plano de expansão marítima da cidade de Tunis, Tunísia, (1957), o conjunto balneário de Guarujá, SP, (1959) e o complexo residencial de Alberghiero-Arenzano, Riviera del Ponente, Itália (1962). Ainda segundo o autor, em 1955, no planejamento para a região Cabo Frio – Búzios, os Roberto já haviam estabelecido os princípios básicos que norteariam, no ano seguinte, o plano piloto de Brasília<sup>7</sup>.

O projeto Cabo Frio-Búzios estabelecia diretrizes para o desenvolvimento de uma área litorânea de cerca de quatrocentos quilômetros quadrados, a pouco mais de cem quilômetros do Rio de Janeiro, região de rara beleza natural e de grande potencial turístico. O projeto foi apresentado através de quarenta pranchas e de relatório onde eram declaradas as influências do pensamento de Ebenezer Howard que, desde primeira publicação de *Tomorrow*, em 1898, já havia definido os princípios do urbanismo moderno. Para os Roberto, desde a sistematização de Clarence Perry, em *Neighbourhood Unit*, em 1924, diversos planos urbanísticos vinham sendo propostos, baseados no conceito de *unidade de vizinhança*, em diversas escalas e em formas de constituição diferentes, contando com a independência de circulação entre veículos e pedestres. Os Roberto propõem, entretanto, a evolução do conceito *unidade de vizinhança* para *unidade urbana*.

---

7 SANTOS, Paulo F., Marcelo Roberto – II, *Arquitetura*, Rio de Janeiro, IAB-GB/Ed Artanova Ltda., n.38, p. 9-10, jun. 1965.

Para os Roberto, a cidade não deveria mais se constituir de uma série de *unidades de vizinhança* subordinadas a um controle central, mas ser sim considerada em sua unidade, relacionada com outras, mesmo que através de compromissos de subordinação. A cidade deveria ser limitada em área e em população, como os modelos das pequenas cidades italianas da Renascença, onde a variedade e a riqueza culturais não eram da mesma maneira pequenas. O grande mal provocado pelo crescimento indeterminado das grandes cidades deveria ser evitado. Nas novas *unidades urbanas*, os perímetros seriam definidos e ligados ao centro através de circulações independentes de veículos e de pedestres, com áreas verdes e com atrativos construídos, permitindo o acesso agradável a pé a todos os lugares, e a vida social sendo bem mais ampla, por sua maior dimensão relativa, comparando-se com as *unidades de vizinhança*.

As novas *unidades urbanas* não estariam isoladas, mas sim relacionadas com outras, reunidas em *federações*; as unidades estariam afastadas umas das outras e protegidas por áreas rurais, e contariam com equipamentos federados, como por exemplo, aeroportos, entrepostos e redes ferroviárias.

Para a região de Cabo Frio-Búzios os Roberto propuseram dezessete *unidades urbanas*, e aprofundaram o estudo para a *unidade urbana* de Geribá, propondo para esta uma população de quinze mil habitantes, considerando populações fixa e flutuante visto a vocação turística local. O plano da região baseou-se em um modelo econômico estável, no respeito às características regionais, ambientais, econômicas e culturais, e na atenção às questões sociais latentes, como as da educação, do saneamento, da saúde e da habitação. De acordo com Paulo Santos, a solução dos Roberto não imitava Ebeneser Howard ou Clarence Perry, à exceção dos princípios sociais nos quais a terra pertenceria à comunidade e não aos indivíduos. O plano dos Roberto era original na organização espacial, respeitante às questões climáticas e de interesse social e cultural próprias da civilização brasileira, pertinentes às noções de individualidade e de coletividade muito bem arraigadas<sup>8</sup>.

---

8 SANTOS, Paulo F., Marcelo Roberto – II, *Arquitetura*, Rio de Janeiro, IAB-GB/Ed Artanova Ltda., n.38, p. 11, jun. 1965.

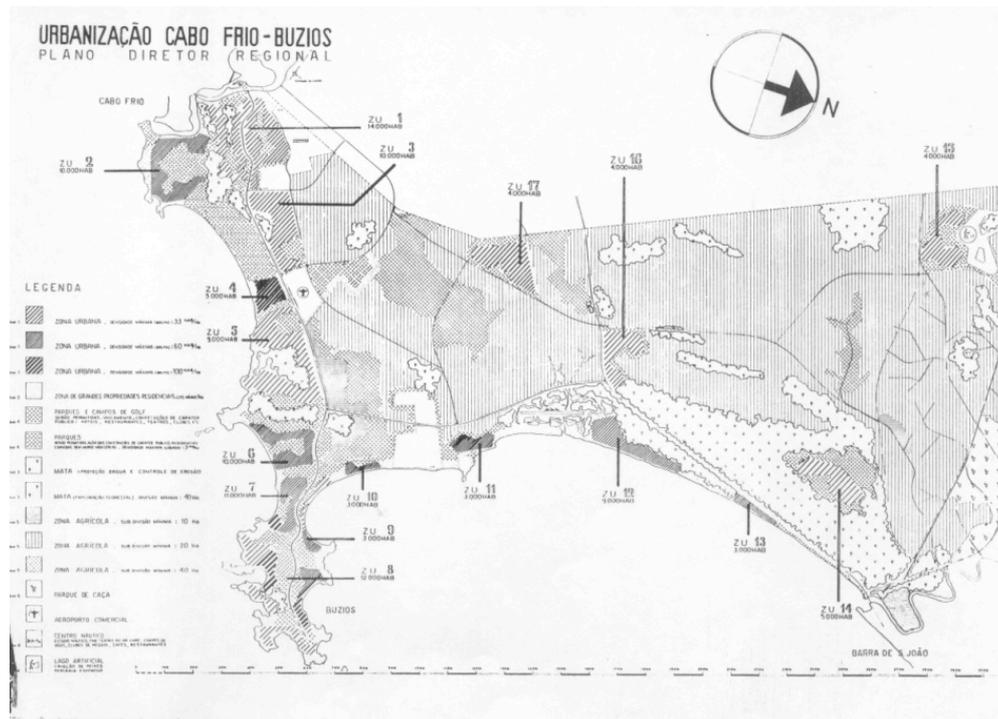


Figura 4 - Planejamento turístico para a região Cabo Frio – Búzios

## Brasília

O plano piloto para Brasília baseou-se nos princípios já experimentados no projeto Cabo Frio-Búzios, aprofundando certos aspectos, por exigências do programa e pelo desafio que este novo trabalho representava. De acordo com Paulo Santos, o plano negava a aglomeração de uma megalópole, uma cidade pensada para quinhentos mil habitantes, como determinava o programa, ao propor sete agrupamentos de 72 000 habitantes; negava os imperialismos civil e militar resultantes da ênfase dada ao poder econômico, declarando uma profissão de fé democrática e socializante; negava a construção de um símbolo tangível da democracia pela representação hierárquica dos três poderes, paradoxalmente, ausentando-se; negava o caráter monumental que se pretendia para Brasília, constituindo-a espacialmente de forma democrática de uma federação de comunidades felizes. Paulo Santos nota a obsessão dos Roberto pelo pensamento de Frank Lloyd sobre a monumentalidade, *“Tudo isso é imperial e militarista. A democracia ainda não construiu.”*, e como a

frase de quem eles consideravam um grande arquiteto voltava-lhes sempre ao pensamento, enquanto realizavam o projeto.<sup>9</sup>

Para os Roberto, a maioria das grandes cidades ocidentais ainda eram reminiscências de ideais barrocos, suas arquiteturas preocupando-se em exibir os poderes civil e militar, cenários para governos e para o poder econômico, cercado de populações desorganizadas que não gozavam das condições de uma vida urbana satisfatória. Já nas condições daquele momento, o homem, atordoado pela agitação crescente das grandes cidades, estava incapacitado de usufruir dos traçados monumentais das grandes cidades e da hierarquia de suas edificações, conceitos de monumentalidade do século XIX, sendo preferível, então, que não se abandonasse a escala humana, para que os percursos fossem calmos e comoventes, como os das antigas cidades italianas. Os Roberto não acreditavam que o essencial em uma capital fosse a monumentalidade, mas sim a felicidade de seus habitantes.

A proposta de *comunidades felizes* dos Roberto para Brasília registra suas origens tanto no pensamento dos reformadores sociais Robert Owen (1777-1838) e Charles Fourier, como no do urbanismo culturalista preconizado por Ebenezer Howard, tendo também como complementação a idéia da cidade democrática defendida por Frank Lloyd Wright. Ainda de acordo com Paulo Santos, os Roberto, estando bem informados da obra de Le Corbusier e do projeto recente de Chandigarh (1951-1953), afastaram-se deliberadamente dele, e da idéia de se construir o capitólio e as superquadras. Na Brasília dos Roberto, as *unidades urbanas* distintas assumiriam em seus *cores* as funções técnicas e administrativas essenciais da administração federal, substituindo a antiga idéia de ministérios ligados diretamente ao centro cívico. Em espaço a parte dos sete núcleos, o centro cívico, o parque federal, este sim imutável, refletindo a organização democrática permanente dos três poderes, deveria ser discretamente representativo.

Em oposição ao plano de Lúcio Costa, o plano dos Roberto partia do planejamento regional para chegar à definição do espaço urbano pois apresentava, como já havia sido pensado para o projeto Cabo Frio – Búzios, o estudo aprofundado da região. A proposta se sustentava na organização de uma forma de vida em atenção aos habitantes e à região, a ponto de prever, ademais dos núcleos urbanos, sítios e núcleos rurais. O projeto de Lúcio Costa definiu que, a partir do traçado urbano, e da

---

9 SANTOS, Paulo F., Marcelo Roberto – II, *Arquitetura*, Rio de Janeiro, IAB-GB/Ed Artanova Ltda., n.38, p. 12, jun. 1965.

própria cidade realizada, o planejamento regional seria feito, o que de fato acabou não ocorrendo, permitindo conseqüentemente o surgimento desordenado de inúmeras cidades satélites por todo o entorno, como nos antigos subúrbios das grandes cidades nucleares brasileiras.

Para os Roberto, para se viver um todo orgânico e harmonioso, uma comunidade urbana não deveria ultrapassar os limites de extensão e de população sob pena de provocar o enfraquecimento da coesão social. Dentro desses limites, haveria o enriquecimento dos serviços especializados e o desenvolvimento da convivência ampla e variada. Para eles, o crescimento indefinido destinava-se ao caos.

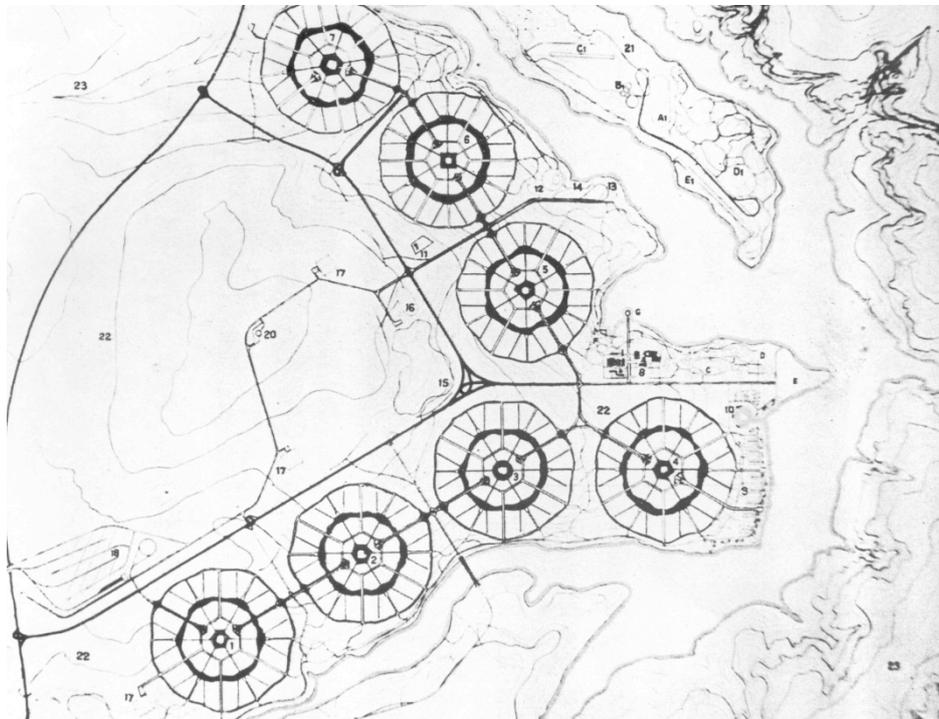


Figura 5 - Plano-Piloto de Brasília